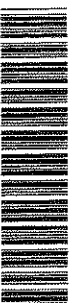


ARQUITETURA GREGA E ROMANA

D. S. Robertson

Tradução Julio Fischer

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900094691



SBD-FFLCH-USP



133292

Martins Fontes
São Paulo 1997

400.4
R559P

(933115)

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título *GREEK AND ROMAN ARCHITECTURE* por Press Syndicate of the University of Cambridge, Cambridge, em 1929 (1ª ed.) e 1945 (2ª ed.). Esta obra foi publicada anteriormente com o título *A Handbook of Greek & Roman Architecture*

Copyright © Cambridge University Press
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, 1997, para a presente edição

1ª edição
março de 1997

Tradução
JULIO FISCHER

Revisão da tradução
Eduardo Pereira e Ferreira

Revisão gráfica
Luzia Aparecida dos Santos,
Célia Regina Faria Menin

e, para os textos gregos, Marcos Júlio
Produção gráfica
Gerardo Alves

Diagramação
Moacir Kasumi Matsusaki
Fotolitos

Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Capa
Katia Harumi Teresaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Robertson, D. S.
Arquitetura grega e romana / D. S. Robertson ; tradução
Júlio Fischer. — São Paulo : Martins Fontes, 1997.
Título original: Greek and roman architecture.
ISBN 85-336-0594-3

1. Arquitetura — Grécia 2. Arquitetura — Roma I. Título.
97-0941 CDD-722.8
-722.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Arquitetura grega 722.8
2. Arquitetura romana 722.7

Todos os direitos para o Brasil reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 01325-000
São Paulo SP Brasil Telefone 239-3677

Índice

<i>Lista de ilustrações</i>	VII
<i>Prefácio à primeira edição</i>	XIX
<i>Prefácio à segunda edição</i>	XXVII
I. Fontes de informação. Materiais e métodos	1
II. Creta minoica, Tróia e Grécia pré-micênica	9
III. Grécia micênica e arquitetura homérica	33
IV. A idade das trevas. Tempos técnicos. Os primeiros templos	45
V. O estilo dórico primitivo e seus protótipos em madeira	75
VI. O estilo dórico do século VI	83
VII. O estilo jônico arcaico	107
VIII. O estilo dórico do século V até a deflagração da Guerra do Peloponeso	125
IX. O estilo jônico no século V, o dórico e o coríntio no final do século V e no IV	147
X. O estilo jônico do século IV, o jônico, o dórico e o coríntio helenísticos	171
XI. Teatros gregos e outras construções que não templos ou residências	189
XII. Planejamento urbano grego e romano. Arquitetura etrusca e latina primitiva	215

- XII b Entablamento do Templo de Vespasiano, Roma (réplica parcialmente reconstituída)
Foto. Alinari.
- XIII Interior do "Templo de Baco", Baalbek (reconstituição)
Th. Wiegand, *Baalbek*, II, 1923, lám. 17.
- XIV a Ponte Fabrícia, Roma
Foto. Alinari.
- XIV b Pont du Gard, próximo a Nîmes
Foto. Levy e Neudein, Paris.
- XV "Templo de Diana", Nîmes
Foto. Levy e Neudein, Paris.
- XVI a Panteon, Roma
Foto. Alinari.
- XVI b Coliseu, Roma
Foto. Alinari.
- XVII Interior do Panteon, Roma (reconstituição)
C. E. Isabell, *Les Édifices Circulaires et les Dômes*, Paris, 1853, lám. 18.
- XVIII Salão das Termas de Caracala (reconstituição)
G. A. Bionet, *Restauration des Thermes d'Antonin Caracalla à Rome*, Paris, 1828, lám. XV.
- XIX a Templo Circular, Baalbek
Th. Wiegand, *Baalbek*, II, 1923, lám. 60.
- XIX b Interior de Santa Consância, Roma
Foto. Alinari.
- XX a *Cavea e scaenae frons* de teatro, Orange
Foto. Levy e Neudein, Paris.
- XX b Orange, fachada externa da *scaena* do teatro
Foto. Levy e Neudein, Paris.
- XXI a Arco de Tíberio, Orange
Foto. Levy e Neudein, Paris.
- XXI b Porta Nigra, Trier
Foto fornecida pelo prof. dr. E. Krüger.
- XXII a, b "Maison de la Colline", Delos (planta e corte, reconstituição)
Exploration archéologique de Délos, VIII, Paris, 1924, láms. XIV-XVII, XVIII.
- XXIII a, b Uma funerária etrusca, talvez de Chiusi
Foto. fornecida pela R. Soprintendenza alle Antichità di Etruria.
- XXIV a Palácio de Diocleciano, Espalato, átrio do vestibulo
Foto. Roman Society.
- XXIV b "Portão Áureo" do Palácio de Diocleciano, Espalato (reconstituição)
E. Hebrard e J. Zeller, *Spalato*, Paris, 1912, p. 34.

Prefácio à primeira edição

O objetivo do presente livro é expor de maneira sucinta, mas clara, os principais atos da história da arquitetura grega, etrusca e romana, dos tempos mais remotos à fundação de Constantinopla, até onde são conhecidos hoje. Ao lidar com este vasto tema, meu esforço foi o de manter o texto básico livre de detalhes capazes de confundir o leitor e dirigir a atenção para questões essenciais. Procurei, nesta parte do livro, apresentar uma descrição inteligível de um número limitado de construções importantes, ao passo que no Apêndice I tabulei cronologicamente, com comentários, aproximadamente 370 monumentos diferentes. Também aliviei o texto ao concentrar no Apêndice II praticamente toda informação bibliográfica e ao compilar um Glossário de termos técnicos antigos e modernos, que forma o Apêndice III. Todos esses Apêndices contêm remissões detalhadas ao texto e às ilustrações, enquanto o Índice Remissivo abrange o livro todo, inclusive os Apêndices. As dimensões que figuram nos apêndices e na maior parte das ilustrações são fornecidas em metros, de acordo com a prática geral das publicações científicas. Não medi esforços para ser fiel à verdade nesse particular, porém as discrepâncias entre as fontes idôneas e mesmo entre o texto e as lâminas de uma mesma obra por vezes são desconcertantes, e algumas dimensões somente poderiam ser calculadas mediante as escalas anexas às ilustrações*.

* Todas as medidas são fornecidas em metros nesta edição. (N. do E.)

Ao montar a Bibliografia, não me satisfiz com uma simples relação de livros e artigos, mas procurei facilitar ao leitor a obtenção de informações adicionais acerca de contruções individuais, bem como acerca de aspectos importantes de estrutura e ornamentação.

Meu modelo foi o admirável *Register* com que von Duhn contribuiu, em 1892, para a segunda edição de *Baukunst der Griechen*, de Durm, sendo que a parte grega de minha listagem baseia-se parcialmente em um exemplar interfoliado dessa obra que utilizei por longos anos. É ocioso dizer que nenhum de meus Apêndices se pretende completo. O campo de seleção era de uma amplitude avassaladora e só me resta esperar que se julgue a utilidade geral desses Apêndices compensatória de suas imperfeições em termos de omissão e inclusão.

Tive oportunidade de conhecer de perto as principais contruções e ruínas da Grécia, Itália e do Sul da França, mas meu conhecimento da arquitetura antiga deriva, principalmente, de um prolongado estudo de periódicos e monografias ingleses e estrangeiros, além das publicações especiais acerca dos sítios e monumentos importantes, que normalmente contém valiosas compilações de material comparativo.

Minha incalculável dívida para com essas fontes pode ser expressa apenas em termos gerais. Não me considero um grande devedor de nenhum manual, à exceção daqueles de Josef Durm, *Die Baukunst der Griechen* (terceira edição, 1910) e *Die Baukunst der Etrusker. Die Baukunst der Römer* (segunda edição, 1905), além da obra de G. T. Rivoira, *Architettura Romana* (1921: tradução inglesa, 1925). A exemplo de todos os estudantes ingleses, também tenho minha dívida para com *The Architecture of Greece and Rome*, de W. J. Anderson e P. Spiers, cuja segunda edição (1907) foi praticamente minha iniciação ao tema: a terceira edição, sobremodo aprimorada, em dois volumes (revisada e reescrita na parte grega por W. B. Dinsmore e na parte romana por T. Ashby), surgiu em 1927, quando meu original estava praticamente completo, mas não impresso, de modo que pude me valer dele na revisão final de meu texto. Ao considerar minha dívida para com obras de terceiros, não

posso omitir o nome do dr. A. B. Cook, docente em Arqueologia Clássica da Universidade de Cambridge, de cujas conferências sobre arquitetura grega e romana fui um entusiasmado ouvinte mais de vinte anos atrás. Ele me ajudou generosamente em minhas primeiras tentativas de adquirir um conhecimento independente do tema e sempre me permitiu beber livremente de seu incomparável conhecimento dos vestígios materiais da Antiguidade Clássica.

É meu agradável dever prestar o mais caloroso agradecimento àqueles que me ajudaram das mais variadas formas na preparação deste livro. Meu colega, o sr. A. S. F. Gow, encontrou tempo para ler as provas na íntegra e fez várias sugestões da maior valia. O dr. R. A. Nicholson, professor de língua árabe de sir Thomas Adams na Universidade de Cambridge, forneceu-me, muito gentilmente, transcrições uniformes dos muitos topônimos árabes que encontrei em um amarelhado de grafias inglesas, francesas, alemãs e italianas. Minha esposa aliviou-me a maior parte do trabalho envolvido na preparação do Índice Remissivo e tanto o original como as provas devem muito às suas críticas e às de meus dois filhos.

Sou grato a uma série de estudiosos, sociedades de estudos e instituições públicas pela autorização para reproduzir desenhos e fotografias. Sir Arthur Evans generosamente concedeu-me reproduzir tudo quanto era de meu interesse em seu *Palace of Minos* (Figs. 2a, 2b, 3, 4, e 8 do presente livro), incluindo as novas plantas que apareceram em seu segundo volume, em 1928, enquanto o falecido sir Alexander B. W. Kennedy muito gentilmente emprestou-me o negativo da foto (Lâm. XIa) do Khazna que figura em sua obra, *Petra: its History and Monuments*, 1925. M. Albert Ballu autorizou-me reproduzir a planta de Timgad (Fig. 86) de seu trabalho *Ruines de Timgad*, 1911, e M. Charles Dugas concedeu idêntica autorização para as ilustrações (Figs. 60, 61) de seu *Sanctuaire d'Aléa Athéna à Tégée*, 1924. M. le Marquis de Vogüé concedeu-me utilizar ilustrações (Figs. 99, 133) do *Syrie Centrale*, 1865-1877, de autoria de seu pai. O prof. dr. W. Dörpfeld, com peculiar generosidade, deu-me carta branca para utilizar todos os seus desenhos publicados, enquanto o prof. dr. Th. Wiegand, diretor do Generalverwaltung der Staatlichen Museen, de

Berlin, autorizou-me o uso de todas as ilustrações cujos diretos de reprodução estão sob seu controle, tanto em sua posição privada como oficial, incluindo aquelas (Figs. 18, 19, 64, 67, 68, 70, 78, 79, 80, 84, 85, 95, 96, 97, 112, 124, 125, Lâms. VII, VIII, XIII, XIXa) que figuram nas grandes publicações alemãs acerca de Mileto, Priene, Magnésia e Baalbek. Ele chegou a emprestar-me, com uma gentileza à qual não tenho palavras para agradecer, a única cópia existente da fotografia original do Eclesiástico de Priene (Lâm. VII), cujo negativo foi destruído durante a guerra em um ataque aéreo inglês. O prof. dr. E. Buschor permitiu-me gentilmente reproduzir seu desenho (Fig. 26) do frontão da Górgona, em Corcira, e o prof. Kurt Müller enviou-me uma fotografia da maquete do Templo de Hera em Argos (Lâm. Ib, c), enquanto o dr. W. Wilberg autorizou-me reproduzir seus desenhos da biblioteca de Éfeso (Figs. 119, 120) no *Jahreshefte* do Instituto Arqueológico Austríaco. Devo também agradecer ao prof. dr. E. Krieger, diretor do Museu Provincial de Trier, por conceder-me reproduzir dois desenhos (Figs. 121, 122) de seu *Thierer Römerbauern*, 1909, e por me fornecer uma fotografia (Lâm. XXIb) da Porta Nigra. O sr. M. Ziffo, de Atenas, permitiu-me utilizar suas fotografias do Partenon e dos Propileus (Lâms. IVa, b), e o diretor geral do Museu de Constantinopla enviou-me uma fotografia do capitel de Larissa na Bólia (Lâm. IIb).

Os curadores do Museu Britânico permitiram-me reproduzir ilustrações (Figs. 39, 40, 41) da obra de Hogarth, *Excavations at Ephesus*, 1908; os Conselhos das Sociedades para a Promoção de Estudos Helênicos e Romanos e o Comité Administrativo da Escola Britânica de Atenas autorizaram-me o uso de diversas fotografias (Lâms. Ia, IIa, Vc, XIb e XXIVa), bem como ilustrações do *Journal of Hellenic Studies* (Fig. 77) e do *Annual of the British School at Athens* (Fig. 15). Os diretores da Cambridge University Press emprestaram-me duas ilustrações (Figs. 6 e 49) do *Cambridge Companion to Greek Studies* e os representantes da Editora Clarendon, de Oxford, autorizaram-me a reprodução das figs. 104, 105, 106 e 109 da obra de G. T. Rivoira, *Roman Architecture*, 1925. O Comité da Sociedade das Antiquários de Londres autorizou-me o uso da planta de Silchester (Fig. 132) publicada no vol.

LXI de *Archaeologia*, e o Comité da Sociedade de Exploração do Egito autorizou-me a tomar emprestada uma ilustração (Fig. 45) da obra de Flinders Petrie, *Naukratis*, I, 1886. O Comité de Publicações da Escola Americana de Atenas permitiu-me reproduzir diversas ilustrações (Figs. 54, 55, 56, 57 e Lâm. Va) do trabalho de Stevens e Paton, *The Erechtheum*, 1927. O Archaeologisches Institut des deutschen Reiches deu-me carta branca para utilizar seu *Jahrbuch* e seu *Mitteilungen*, bem como o *Programm zum Winckelmannsfeste*, do qual extraí as Figs. 22, 23, 47, 82, 123, 134 e as Lâms. Ib e c. Eles dispenderam também, generosamente, o maior empenho possível no sentido de garantir-me as fotografias reproduzidas nas Lâms. Ib e c, e a Fig. 59a, enquanto a Preussische Akademie der Wissenschaften não foi menos gentil ao permitir que eu me valesse de seu *Abhandlungen* para as ilustrações (Figs. 43, 66, Lâm. VI) dos templos de Samos e Didima. Devo ainda ao Österreichisches archaologische Institut a autorização para utilizar dois desenhos (Figs. 119 e 120) de seu *Jahreshefte* e ao Lanckoroński'sche Zentralkanzlei de Viena por permitir-me o uso das Figs. 98, 115, 116 e 117 da obra de Lanckoroński, *Städte Pamphyliens und Pisidiens*, 1890 e 1892. A R. Accademia Nazionale dei Lincei autorizou-me reproduzir três ilustrações (Figs. 103, 129 e 130) de seu *Monumenti Antichi* e a R. Scuola archeologica italiana in Atene a utilizar duas ilustrações (Figs. 5, 21), publicadas originalmente em seu *Annuario*. A R. Soprintendenza alle Antichità di Etruria deu mostras de grande generosidade ao garantir-me as fotos de onde as Lâms. VIIb e XXIII foram extraídas. A Direzione dei Bullettino della Commissione archeologica del Governatorato di Roma deu a inclusão da Fig. 87 e ao governo grego a da Fig. 20 do *Ἀρχαιολογικὸν Δελτίον*. A Sociedade Arqueológica de Atenas autorizou-me reproduzir a Fig. 1 do *Ἐφημερίς Ἀρχαιολογική* e a Fig. 12 da obra de Tsountas, *Ἀκρονόμιος Διουγίου καὶ Δεσκόλου*, 1908.

Resta agradecer às seguintes editoras por gentilmente autorizarem a reprodução de ilustrações dos livros especificados: C. H. Beck'sche Verlagshandlung, Munique (Fig. 50); *Judisch Topographie von Athen*, A. C. Black & Co., Londres (Figs. 110, 118); *Middleton Remains of Ancient Rome*, E. de Boccard, Paris

(Figs. 25, 46, 81, Lâms. Vb, XXII: *Fouilles de Delphes et Exploration archéologique de Délos*), F. Bruckmann A. G., Munique (Figs. 88, 89: *Glyptothèque Ny-Carlsberg*), Eleutherodakis, Atenas (Figs. 9, 10, 11, 13, 71: *Dörpfeld Troja und Ilion e Das griechische Theater*, Rodenwaldt *Thryn*), Wilhelm Engelmann, Leipzig (Figs. 92, 114, 126, 128, 131: *Überbeck Pompeji e Mau Pompeji im Leben und Kunst*), Wilhelm Ernst & Sohn, Berlin (Fig. 65: *Adler Mausoleum zu Halikarnassos*), Établissement Firmin-Didot, Paris (Fig. 94: *Lebas-Reinach Voyage archéologique en Grèce et en Asie Mineure*), Th. G. Fisher, Leipzig (Fig. 35: *Wiegand Archaische Posaarchitektur der Akropolis zu Athen*), J. M. Gebhardt's Verlag, Leipzig (Figs. 7, 16, 27, 36, 42, 44, 53, 107, 111, 113, 127: *Durum Baukunst der Griechen e Baukunst der Etrusker. Baukunst der Römer = Handbuch der Architektur* Band I, Band II), Paul Geuthner, Paris (Figs. 60, 61: *Dugas Sanctuary d'Aléa Albéna à Tégée*), Walter de Gruyter & Co., Berlin (Figs. 74, 75, 76, 83, 93, 100, 101: *Noack Eleusis, von Gerkan Griechische Städteanlagen*, Delbrück *Hellenistische Bauten in Latium*), Verlag B. Harz, Berlin e Viena (Figs. 72 e 73: *von Gerkan Das Theater von Priene*), Longmans, Green & Co., Londres (Fig. 63: *Wood Discoveries at Ephesus*), Macmillan & Co., Londres (Figs. 2a, 2b, 3, 4, 8, 24, 34, 58: *Evans Palace of Minos, Frazer Pausanias's Description of Greece*), Ch. Massin & Co., Paris (Figs. 108, 135, Lâms. IXa, b, c, w XXIVb: *Hébrard e Zeiller Spalato, d'Espouy Fragments d'architecture antique*), John Murray & Co., Londres (Fig. 14: *Schliemann Thryn*), Verlagbuchhandlung Julius Springer, Berlin (Figs. 17, 28, 29, 30, 30a, 31, 32, 33, 37, 38, 52, 62, 90, 91: *Curtius e Adler: Olympia: die Ergebnisse, Koldewey e Puchstein Die griechischen Tempel in Unteritalien und Sicilien*), Weidmannsche Buchhandlung, Berlin (Fig. 102: *Jordan-Huelsen Topographie der Stadt Rom im Altertum*); e também às seguintes companhias fotográficas pela autorização para reproduzir as lâminas em que seus nomes estão apensos: Levy et Neudein, Paris (Lâms. XIVb, XV, XXa, b e XXId), Fratelli Alinari, Florença (Lâms. IIIa, b, Xa, b, XIIa, b, XIVa, XVIa, b e XIXb), e Giani, Florença (Lâm. VIIIb).

Aproveito esta oportunidade para mencionar uma publicação recente não incluída em meu Apêndice Bibliográfico, a pri-

meira parte (*Prehellenic and Early Greek*, de F. N. Pyce) do novo *Catalogue of Sculpture in the Department of Greek and Roman Antiquities of the British Museum*, 1928. Este deve ser consultado especialmente com respeito ao "Tesouro de Atreu" em Micenas, o templo de Creso em Éfeso e o templo de Apolo em Náucratis.

Por fim, devo expressar meu agradecimento mais sincero aos quadros da Cambridge University Press por seu infatigável profissionalismo e cortesia.

D. S. ROBERTSON
Trinity College, Cambridge
Dezembro, 1928

CAPÍTULO XIII

Arquitetura devocional da República romana

Devemo-nos voltar agora definitivamente para Roma. É preciso compreender de pronto que é desafortunadamente exíguo nosso conhecimento acerca da arquitetura romana, e largamente incerta sua cronologia. Horácio affiançava aos romanos que os pedacados cometidos por seus antepassados continuariam a afligi-los até que houvessem restaurado, por completo os templos arruinados dos deuses e, sob a égide de Augusto, esse trabalho foi conscientemente posto em prática. A arquitetura romana é, de qualquer modo, difícil de datar, especialmente no período republicano e no início do império: imitativa e eclética, reflete uma dúzia de influências diferentes. A crescente familiaridade com os métodos e materiais, aliada a um estudo mais aprofundado dos estilos e ornamentos, vem gradativamente desfazendo a névoa, mas existem ainda grandes discordâncias entre os estudiosos gábaritados. Por imperfeitos que sejam os testemunhos, apontam para a conclusão de que a antiga escola etrusco-latina absorveu duas vagas sucessivas de influência grega tardia, a primeira oriunda principalmente do sul da Itália e da Sicília, no século III a.C., a segunda oriunda da Grécia, Ásia Menor, Síria e Egito, nos dois séculos subsequentes. Essas datas refletem os fatos históricos da expansão romana para o sul e para o oeste nas Guerras Púnicas, e para o leste em seguida à queda de Cartago. É fundamental, ao se falar sobre a arquitetura romana, lembrar que, mesmo no Im-

pério, a arquitetura, em especial do jéste grego, era helenística na raiz e que o domínio político de Roma não determinou nenhum rompimento súbito em seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, é certo que a centralização do governo teve uma influência enorme e que a cidade de Roma era o manancial não apenas de novos métodos construtivos, como também de diversas tendências em termos de ornamento e projeto, que nitidamente se irradiaram da capital para as províncias, sobretudo no Ocidente. A maioria dos arquitetos talvez tivesse sangue grego, mas os engenheiros, que, discretamente, revolucionaram os ideais da arquitetura, talvez fossem predominantemente romanos.

As obras mais originais do final da República e do início do Império raramente são templos, mas será conveniente preparar o terreno através de um esboço preliminar da trajetória geral da arquitetura romana comum no âmbito dessa classe de edifícios.

Pouco restou dos templos mais antigos da cidade de Roma além de suas subestruturas, que, embora importantes para a história da técnica, têm para nós apenas um interesse genérico. Um dos principais, o templo Capitolino, já foi descrito. A parte obras de engenharia, é difícil apontar qualquer edifício bem preservado em Roma ou em suas proximidades que permita ser datado com segurança em um período anterior ao ano 100 a.C. Já vimos que Gabii talvez seja uma exceção e alguns dos templos que vamos mencionar a seguir são por vezes situados no século II a.C.; na falta de elementos estritamente romanos, contudo, devemos freqüentemente nos voltar para uma cidade italiana bastante ao sul de Roma e bem mais próxima às influências gregas diretas — a cidade soterrada de Pompéia. Sua basílica do século II será descrita mais adiante; por ora, somente um de seus templos deve ser considerado, o de Apolo (Fig. 92), conhecido até 1882 como o templo de Venus. Provavelmente teria sido construído no final do século II a.C., mas foi substancialmente restaurado entre o terremoto de 63 d.C. e a aniquiladora erupção de dezesseis anos mais tarde. Tal como o templo de Gabii, localizava-se em um pátio enclausurado, com originalmente dois pavimentos. A colunata do claustro possuía inicialmente capitéis jônicos quadrifacitados, coroados por uma arquivave baixa e um friso alto de tríglifos, po-

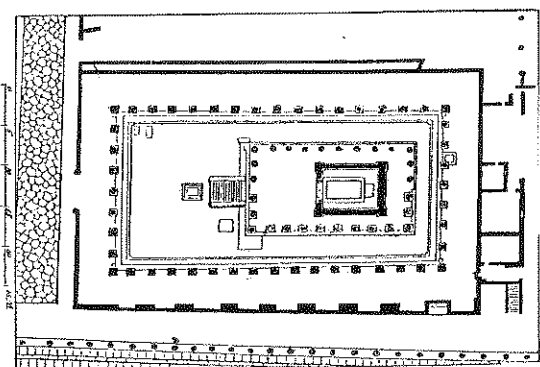


Fig. 92. Templo de Apolo, Pompéia

rém, após o terremoto, foi totalmente convertido para o estilo coríntio, através da utilização livre da escultura e do estuque. A planta do templo difere daquela de Gabii principalmente pelo fato de que no presente caso a colunata periptera corre também pela parte posterior. Com esse passo adicional no sentido da helenização, chegamos aos principais elementos das plantas mais comuns aos templos romanos. As colunas da fachada principal, embora efetivamente partes de um anel periptero contínuo, dão a impressão de ser, na verdade, as colunas de um pórtico prostyleto expandido. O restante da colunata é superfluo e acrescentará, ulteriormente, uma constante tendência em reduzir-se a uma série pseudoperiptera de meias colunas embutidas (como na Maison Carrée, de Nîmes), ou mesmo a uma série de pilastras (como no templo de Cori, no Lácio). Tal tendência foi estimulada pelo caráter geral do planejamento urbano romano. Os arquitetos romanos gostavam de localizar seus templos no eixo de um

espaço retangular cuja entrada situava-se no centro do lado oposto. Tal esquema, combinado com o pórtico e o pódio etruscos, fatalmente reduzia a importância das vistas laterais e posteriores. As colunas do templo de Pompéia eram coríntias, porém seus capitéis foram forçosamente transformados, após o terremoto, do antigo tipo helenístico italiano para a forma ortodoxa então estabelecida. O entablamento de pedra praticamente desapareceu.

Dentre os poucos templos geralmente situados no século I a.C., os seguintes serão descritos agora: inicialmente, o antiquado templo dórico ou toscano existente abaixo de S. Nicola in Carcere, em Roma; em seguida, o templo dórico tardio, mais ortodoxo, em Cori; em seguida, representando o antiquado estilo coríntio, o templo circular de Tivoli e, representando o coríntio ortodoxo, aquele próximo ao Tibre, em Roma; por fim, representando o estilo jônico ortodoxo, o templo da "Fortuna Viril", em Roma. O estilo jônico antiquado será descrito independentemente de qualquer templo.

O templo dórico abaixo de S. Nicola in Carcere é um entre três existentes lado a lado (os outros são jônicos) parcialmente cobertos e parcialmente absorvidos por essa igreja na região do mercado de hortaliças da Roma antiga. Nada é visível exceto a extremidade norte de seu pódio e partes de cinco colunas periferias com seu entablamento, porém os estudiosos renascentistas registraram a existência, outrora, de um vão de porta em mármore. A planta é hipotética, mas as colunas e o entablamento são interessantes. Os fustes não têm caneluras, apresentam adelgamento mas não êntase, e têm em torno de sete diâmetros de altura; existe no fuste uma faixa lisa ligeiramente mais espessa, imediatamente abaixo do equino, de aproximadamente mesma altura que a do capitel acima deste. O equino, de pouca altura, tem um perfil aproximadamente retilíneo e é completamente liso; devemos, todavia, admitir a possibilidade de ornatos esculturais em estuque que teriam sido perdidos. Possivelmente esses fustes e o entablamento denotem uma influência etrusca. A arquivave é lisa, encimada por uma espécie de ténia, e o friso é igualmente liso e não exibe feição dórica alguma; a cornija também foge ao normal e parece revelar algumas afinidades etruscas. Trata-se, clara-

mente, de um templo antiquado, seja qual for sua data real. Delbrick tende a situá-lo, com base no estilo, no século II a.C. Tenney Frank, no entanto, assevera que todas as partes visíveis do templo são em travertino, o que torna impossível datá-lo em um período tão recuado, uma vez que esse admirável material (do qual também o Coliseu e a Basílica de S. Pedro foram construídos) era desconhecido até meados do século II a.C. e empregado com parcimônia nos cem anos seguintes. Em parte por essa razão, ele identifica o templo com aquele de Spes, tal como reconstruído após um incêndio em 31 a.C. e, no tocante ao conservantismo da construção, estabelece um paralelo com o templo toscano de Hércules, construído por Pompeu junto ao Circo Máximo, que Virúvio compara àqueles de Júpiter Capitolino e de Ceres Liber e Libera. É desejável uma certa dose de ceticismo na questão de se identificar e datar pedras pertencentes a edifícios, mas o fato de tais formas arquitetônicas não comprovarem uma data muito recuada está estabelecido pelo pequeno prosílio "Augusteum" erigido entre 40 e 50 d.C. por Q. Verânio em Sístima, na Lícia, quando governador daquela província. Esse templo tem colunas dóricas lisas desprovidas de bases, uma arquivave sem ténia e um friso liso desprovido de tríglifos, com um perfil convexo coríntio.

A data do templo dórico de Cori, a antiga Cora (Fig. 93), não é contestada. Ele pertence ao início do século I a.C. e é um dos templos republicanos mais bem conservados. A planta é inteiramente toscana: o edifício ergue-se sobre um pódio, cujo único acesso é um lance de escadas ao sul, e possui um pórtico profundo tetrastilo prosílio, com duas colunas entre cada uma das colunas angulares e a parede da cela. Media aproximadamente 7,6 m por 14 m, até a parte frontal do pórtico. O acesso à cela se dá através de uma porta central e não existem anais, mas havia pilstras nos quatro vértices, alinhadas com as colunas laterais do pórtico, e outras duas em cada lado e nos fundos, tal configuração nos é revelada por desenhos renascentistas, porém a maior parte das laterais e do fundo da cela atualmente está desaparecida; a cela não era certamente tão profunda quanto o pórtico. Excessivamente delgadas para serem dóricas, as colunas têm altura

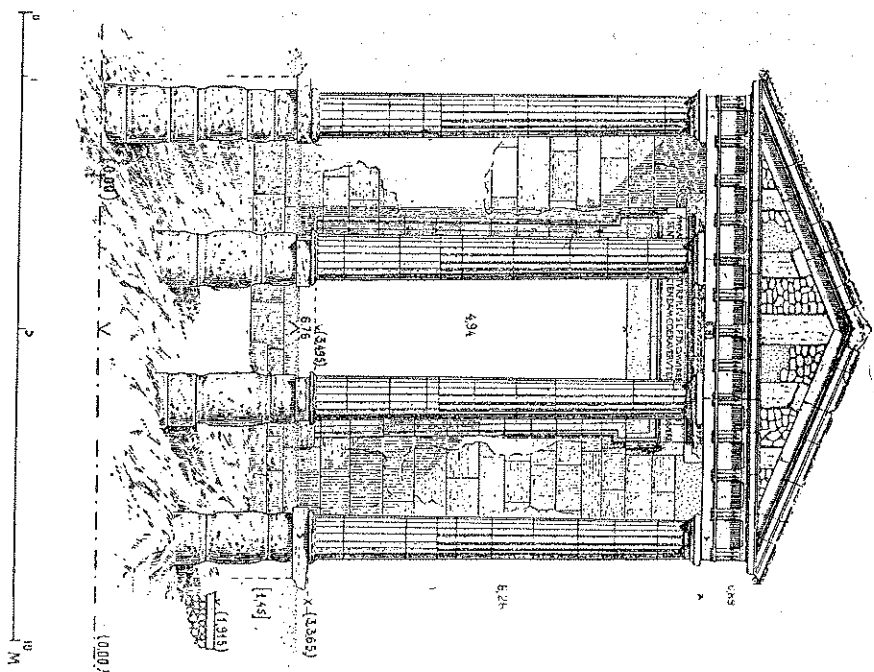


Fig. 93. Templo dórico, Cori (fundações parcialmente expostas)

equivalente a 8%, diâmetros inferiores, proporção que ocorre no estilo iônico romano, muito embora o mais usual seja uma proporção de 9 ou 10. Apresentam um ligeiro adelgaçamento e entasse, e têm bases simples, que consistem em uma única moldura

convexa abaixo de uma apófige considerável, um tipo talvez toscano, mas por certo também helênístico⁸, freqüentemente encontrado em obras romanas. Os dois-terços superiores do fuste apresentam dezoito caneluras dóricas; abaixo dessa marca tem-se um polígono de dezoito faces. Essa prática de canelamento parcial conta, como vimos, com precedentes helênísticos, e é comum nas obras romanas e renascentistas⁹. Existe uma faixa lisa abaixo do capitel, o qual possui um equino e um ábaco muito baixos. A arquitrave baixa é dórica e corre, juntamente com o friso de triglifos, por toda a extensão do edifício. Há três triglifos (em um único caso, quatro) para cada intercolúnio. As linhas do pórtico são ligeiramente côncavas na planta, mas isso provavelmente é accidental, da mesma forma que a irregularidade dos triglifos.

É grande a semelhança desse templo com o de Hera Basílea, em Pérgamo³⁹, mas, em termos de detalhes, parece mais revelar a influência do sul da Itália e da Sicília do que da Ásia Menor.

O "Templo de Vesta" de Tivoli, de forma circular, com aproximadamente 14 m de diâmetro, encontra-se em parte muito bem conservado e exemplifica primorosamente a forma da ordem coríntia dominante na Itália até o período de Sila. A consagração assenta em um pódio, com escadas apenas de frente à porta. O material empregado é o concreto, para o corpo do pódio e as paredes, tufo para as fundações e travertino para colunas, porta, armações de janelas e outras partes expostas, uma mistura de materiais condizente com a primeira parte do século I a.C. As únicas colunas existentes eram as dezoito externas, dez das quais foram preservadas; elas sustentam uma arquitetura helênistica normal, friso e cornija, que era interligada nas extremidades à parede da cela por placas de travertino, enalhada na parte inferior com dois anéis concêntricos de painéis contendo rosetas elaboradas. O friso era ornado com cabeças de boi, interligadas por pesadas guirlandas, um motivo helênístico — do período de Augusto em diante tais cabeças de boi eram normalmente caveras²¹. As colunas, cerca de 7 m de altura, possuem bases jônico-áticas e dezoito caneluras jônicas; sua altura equivale a aproximadamente 10,5 diâmetros inferiores; nas colunas coríntio-romanas posteriores a altura normalmente oscila entre 9

e 10 diâmetros inferiores; cabe lembrar que as colunas do templo helenístico² de Zeus Olímpio em Atenas tinham altura inferior a 9 diâmetros inferiores. Os capitéis (lâm. IXa) diferem do tipo canônico sob vários aspectos. As espirais externa e interna engem-se paralelas e independentemente do anel de folhas; todas são espessas e sólidas, sendo que a externa apresenta uma curiosa forma achatada, combinada com uma saliência espiralada. Uma grande flor se destaca da parte superior da campana, ocupando a mesma posição que a palmetas no capitel pioneiro de Basse; as folhas de acanto são detalhadas, ricas e bem delineadas. Esse tipo conheceu uma prevalência em Pompéia até o século I a.C. e talvez tenha chegado na Itália a partir da Sicília, onde é particularmente comum, embora seja encontrado na Grécia e no Egito helenístico. Ocorre em pontos tão ao norte como Aquilêia, nas proximidades de Trieste. Trata-se claramente de um ramo independente do tronco original. Os capitéis de Tivoli foram imitados por sir John Soane, ao final do século XVIII, na fachada do *Bank of England*, onde podem ser convenientemente comparados com os capitéis ortodoxos do edifício da Real Bolsa de Valores — mostram-se aprazíveis aos olhares fartos dos milhares de réplicas de seu primo afortunado. É possível, embora improvável, que o templo fosse coberto por uma cúpula delgada e baixa de concreto.

Ao passarmos de Tivoli para o templo periptero circular às margens do Tibre, em Roma (lâm. Xa), encontramos-nos em plena corrente da pura tradição grega. O templo, atualmente a igreja de Santa Maria del Sole, talvez (como sugere Hülsen) tenha sido dedicada a Portuno, que, segundo se sabe, possuía um templo nessas imediações. O pódio é inteiramente contornado por degraus, à maneira grega; havia vinte colunas externas, uma das quais desapareceu. O corpo do pódio é construído em tufo, mas todo o restante é em mármore grego. É grande a controvérsia quanto à data. Tenney Frank, por exemplo, inclina-se a localizar o corpo do pódio na primeira metade do século II a.C., mas o restante ao início do Império, e poucos arqueólogos acreditam ser as partes visíveis anteriores a Augusto. Delbrück, no entanto, recusa-se a dissociar o pódio da superestrutura e situa o conjun-

to, com reservas, no século II a.C., data em que, segundo reza a tradição, foram erigidos os primeiros templos de mármore em Roma. Quanto ao estilo, as colunas pertencem à escola ortodoxa encontrada no templo de Zeus Olímpio de Atenas, embora alguns críticos identifiquem nelas características que apontam para uma data no final da República ou início do Império. A perda completa do entablamento torna a determinação cronológica uma empresa excepcionalmente arriscada. A construção não revela, seguramente, o menor vestígio de tradição italiana.

Próximo a esse templo encontra-se uma estrutura de pequenas dimensões, tetraestila prostyle em estilo jônico, que pode ser visto na lâm. Xb, preservada como a igreja de Santa Maria Egíziaca. Normalmente é chamada de o templo da Fortuna Viril, talvez corretamente. O pórtico foi murado na Idade Média, mas posteriormente reaberto. O edifício é excepcionalmente perfeito e constitui um primoroso exemplo de construção pseudoperiptera romana. Ergue-se em um pódio com degraus apenas na parte dianteira. O pórtico, com seis colunas livres, ocupa um-terço do comprimento e há doze colunas embutidas. É um exemplo daquela economia na qual Roma rivalizava com a Grécia minoica: o corpo do pódio é em concreto revestido de travertino, material de que também são feitas as colunas livres e as quatro embutidas nas quinas. Essa mesma pedra resistente é empregada em todas as bases e capitéis, bem como em todo o entablamento do pórtico, à exceção do tímpano, mas todo o restante é em tufo macio de Anio. Salvo pelo entablamento da cela, nenhum elemento entalhado ou exposto é deste material menos rígido. Os capitéis são do tipo helenístico tardio³ usual, com os olhos das volutas situados nos pontos de intersecção entre a horizontal do topo do equino e a perpendicular do diâmetro superior do fuste. Esse tipo foi predominante na Roma imperial, embora freqüentemente na forma helenística italiana "diagonal" quadrifaceta⁴, em voga em Pompéia, e que jamais foi abandonada, contribuindo para o surgimento do capitel "compósito"⁵, tão apreciado por Wren. Reproduzimos aqui (lâm. IXb) o exemplar de um capitel "diagonal" originário de uma casa em Pompéia. Não contamos com indicação externa alguma quanto à data desse templo, porém os estu-

diosos de materiais e os estudiosos de estilos concordam em situá-lo em meados ou na segunda metade do século I a.C.

Podemos também considerar aqui o templo de Júpiter, que domina a extremidade norte do fórum de Pompéia, voltado para o sul, pois, provavelmente a maior parte pertence, em sua forma atual, ao início do século I a.C. Marcadamente toscano em termos da planta, conta com um pódio de aproximadamente 3 m de altura e um pórtico hexastilo prosilo de profundidade equivalente a quatro intercolúnios, com doze colunas livres; as formas, contudo, eram puramente gregas, enquanto os capitéis coríntios do pórtico se assemelhavam bastante àqueles do templo ateniense de Zeus Olímpio, antes que o gosto posterior tornasse-os mais floridos. A cela continha duas fileiras de colunas jônicas internas, próximas às paredes laterais e que talvez sustentassem uma série coríntia superior. Sobre um pedestal típicamente localizado em sua extremidade mais afastada erguiam-se estátuas de Júpiter, Juno e Minerva. As paredes internas eram pintadas de modo a imitar o veniz de mármore, um método característico da data acima mencionada. Excluindo as escadas, o templo mede cerca de 15 m por 30 m. O exame das fundações¹⁶ revelou que um templo mais antigo, cerca de 3 m menor na direção sul, precedeu a construção existente. O pódio, em sua maior parte construído para o templo mais antigo, consiste, na maior porção daquele comprimento, de três corredores paralelos, de largura entre 3,3 m e 3,6 m, com abóbadas cilíndricas¹⁷ de concreto. Parece fora de dúvida que esse templo anterior continha um pórtico tetrastilo prosilo em dois vãos, provavelmente com oito colunas no total; assim sendo, seu entablamento devia ser em madeira.

CAPÍTULO XIV Arquitetura devocional do Império Romano

Chegamos agora à era de Augusto¹⁸, e, deste ponto em diante, é mais indicado considerarmos separadamente a arquitetura devocional (a) na Itália, Europa Ocidental e norte da África, (b) na Grécia propriamente dita e (c) no Oriente. O limite em todos os casos será o século IV d.C., mas o exame de alguns templos ficará reservado para quando tratarmos dos métodos construtivos dos romanos. Devemo-nos despedir aqui do toscano e do dórico¹⁹, encontrados aqui para frente quase exclusivamente em construções seculares e, em sua maior parte, como colunas ou pilastras embutidas. O estilo jônico também torna-se raro na arquitetura devocional e praticamente todos os templos descritos a partir daqui são mais ou menos coríntios ortodoxos. É preciso compreender claramente que não se está buscando nada além da mais sucinta seleção de exemplares típicos.

Entre os templos augustanos, nenhum exemplo melhor pode ser encontrado que a Maison Carrée, de Nîmes (Colônia Augusta Nemausus), no sul da França; não há dúvidas quanto a sua data e sua conservação externa é excelente. Seu estilo parece puramente romano, muito embora no tocante ao requinte de acabamento fique atrás de alguns exemplares de Roma, onde os relevos decorativos em mármore alcançaram, na era de Augusto, uma esplêndida pureza e refinamento.

CAPÍTULO XII

1. As páginas que se seguem devem muito ao estudo de A. von Gerkan, *Griechische Städteanlagen*, 1924, embora nem todas as suas conclusões sejam acatadas aqui. Ver atualmente Fabricius e Lehmann-Hartleben no artigo *Städtebau im P.W. III A*, 1929, c. 1982 ss.; ver n.c.
2. Ver 298.
3. Ver, porém, p. 442. Ver atualmente M. Rostovtzeff, *Douro-Europos and its Art*, 1938 (especialmente p. 137, referente à cronologia).
4. XII, 10
5. Aparentemente a planta de Marzabotto teria sido hipodâmica: contra, ao menos, uma via larga no sentido norte-sul com ruas mais estreitas paralelas a esta e no mínimo três ruas no sentido leste-oeste com a mesma largura suprependente (cerca de 4,5 m) que a via larga no sentido norte-sul. Muito pouco, todavia, veio à luz.
6. XII, 4, 7 (c. 565).
7. *ὁδὸς ἔτιος ἄλλου καὶ ἑτέρου ἰσχυροῦ τοῦ πρυτανίου*. Embora a posição do ginásio seja surpreendente, é impossível a tradução de von Gerkan como "de uma pedra próxima ao ginásio central", a menos que se leia ἰσχυροῦ, (οῦ) τοῦ πρυτανίου.
8. Ver 212.
9. É elucidativo comparar a planta mecânica das Termas de Caracala (Fig. 110) com o desenho assimétrico das Termas de Faustina, a jovem (século II d.C.), em Milão, cidade de tradições helenísticas, que, em termos de técnicas construtivas, são romanas (*Milet*, I, 9, 1928, Fig. 115).
10. Ver 292.
11. Ver 222.
12. Ver 302 ss. Sobre os túmulos etruscos, ver 265.
13. Temos conhecimento de meia dúzia, entre as melhores incluem-se a de Nemí, reproduzida aqui, e uma de Conca, a antiga Sâtrico.
14. III, 3, 5.
15. IV, 7.
16. Essa reconstrução admite a existência de uma empena também na parte posterior. Há quem defenda a hipótese de que o templo etrusco de Vitrúvio possuía um telhado de três águas na parte posterior, a exemplo do templo de Termo descrito em 66; todavia, nem o texto nem os testemunhos arqueológicos dão grande sustentação a essa idéia, sobre a qual ver A. Sogliano em *Acc. Lincei Mem.*, Ser. VI, Vol. I, 1925, p. 237. Ver também E. Wistand, p. 305, n. 1 *infra*.
17. Contudo, os frisos concebidos como uma composição contínua somente aparecem no século III a.C.
18. Para um paralelo grego das cortinas, ver *Atb. Mitt.* XXXIX, 1914, p. 166, Fig. 4 (Corcira).
19. Ver a ilustração referente ao templo "dórico-coríntio" de Pesco, p. 202, Fig. 90.

20. Ver 54.
21. Foi depois desse incêndio que Sita o omou com colunas provenientes do Templo de Zeus Olímpio de Atenas.

Nota complementar

- N. 1. Olímpio, arrasada por Felipe em 346 a.C., é agora um notável exemplo do planejamento urbano hipodâmico pré-helenístico; ver seu escavador, D. M. Robinson, em *A.J.A.* desde XXXVI, 1932, e em *P.W. XVIII*, 1939, cc. 325 ss.

CAPÍTULO XIII

1. Ver 200.
2. Ver 204.
3. Ver 268.
4. Ver 211, 212.
5. Ver 213.
6. Ver 209.
7. Ver 210.
8. Estabelecer uma comparação, por exemplo, com as bases das colunas jônicas do Salão Hipostilo em Delos, 182.
9. Sobre a ornamentação com elementos convexos das caneluras romanas, ver p. 451.
10. Ver 159.
11. Encontramos, porém, caveiras de boi alternadas com rosetas no fuso acima das colunas jônicas dos Propileus Norte, em Epidaurio, presumivelmente datados do final do século IV a.C., e caveiras de boi interligadas por guirlandas, no Boulevard de Milão (179 ss.), no túmulo existente no pátio, e caveiras de boi, normalmente alternando-se com *palmettes* (pequenos frascos) ou rosetas, em construções do século III na Samotracia e em Pérgamo. Também ocorrem caveiras de boi não-descarnadas e interligadas por guirlandas em obras augustanas, e.g., no templo de Antioquia, na Pisídia. Ver n.c.
12. Ver 160.
13. Ver 157. Temos bons exemplares tardios no templo existente em Hebran, no Hauran, cuja data, revelada por uma inscrição, é 155 d.C.
14. Parcialmente antecipado em Basse (138). Um exemplar provavelmente helenístico foi encontrado em Calauria (ver p. 425).
15. Ver 220 e Lám. IXc.
16. Ver, especialmente, A. Sogliano, in *Atb. Acc. Lincei*, Ser. VI, vol. I, 1925, pp. 230 ss.
17. A construção de estruturas arqueadas é discutida no Capítulo XV.

Nota complementar

N. 11. Os padrões de caveiras de boi alternadas com rosetas ou pequenos frascos também são encontrados em vasos com figuras vermelhas do século IV a.C.; sobre estes e para uma discussão da origem do motivo, ver J. D. Beazley, *JHS* LIX, 1939, p. 36.

CAPÍTULO XIV

1. Para referência a um templo dórico de c. 161 ou 162 d.C., ver p. 404 (Templo de Esculápio em Lambises), datado aproximadamente do mesmo havia outro em Lepcis Magna período.
2. Outro tipo primitivo é mais simples ainda, é o das pontas de vigas retangulares com molduras lisas.
3. *C.I.L.* II, 74, do teatro de Mérida, na Espanha, é um paralelo muito próximo.
4. O templo de Viena tem uma história complicada: ver p. 401.
5. Sobre tais paredes, ver 292.
6. Ver 246.
7. Esse tratamento de porta-de-lança, entretanto a damos crédito a Pullan, foi empregado no óvalo-e-dardo do equino dos capitéis do templo de Dioniso em Teos, construído por Hermógenes por volta de 125 a.C.: ver *Antiquités of Ionia*, IV, 1881, Lâm. XXV, e V, 1915, p. 12 (Leihaby). O único exemplo desse tratamento existente em Magnésia – um capitel de uma estoa – é provavelmente um restauro romano (*Humanum, Magnesia am Maecander* 1904, Fig. 103 e p. 100), e talvez o mesmo se aplique aos capitéis de Teos: cf. *B.C.H.* XLVIII, 1924, p. 506 (relato de uma expedição francesa a Teos em 1924): "La dédicace monumentale de la façade avait été refaite à l'époque romaine impériale, ainsi probablement que les parties hautes." "A dedicatória monumental da fachada fora refeita na época imperial romana, da mesma forma, provavelmente, que as partes superiores."
8. Um tipo de templo de pequenas dimensões, talvez de origem celta, encontrado na Bretanha e no norte da Gália – uma cela quadrada ou retangular cercada por um pórtico coberto – não é importante do ponto de vista arquitetônico. Ver F. Haverfield, *The Romanization of Roman Britain*, 3ª ed., 1915, p. 37, n. 1.
9. Ver 220.
10. Por exemplo, o templo existente em Sídlina, mencionado em 219.
11. Ver 153.
12. Por exemplo, a seta pontiaguda no óvalo-e-dardo do ábaco, se desenhado corretamente, ver 217.
13. Atualmente, os arqueólogos tendem a situar o Klazna em uma data não posterior ao século I d.C., mas não há nenhuma certeza. A. Rumpf, em *Einleitung in die Altertumsforschung*, II, 3, 1931, p. 97, de Gercke-Norden, aparentemente o atribui ao período de Adriano.

14. A divindade era um Baal nativo, identificado com Zeus ou Hélio.
15. Atualmente afirma-se com segurança que todos esses elementos são originais, o que, no entanto, parece-me difícil de acreditar. É sem dúvida verdade que o motivo era doar de ádios fechados cada extremidade do templo. Ver B. Schults na publicação oficial, *Palmyra*, de T. Wiegand, 2ª v., Berlim, 1932, que substitui as referências que figuram em minha Bibliografia.
16. Uma outra divindade rebaixada. Os livros mais antigos atribuem esse templo ao Sol.
17. Wiegand copiaria o "Templo de Baco" com mais fidelidade do que o que se vê na Fig. 95.
18. O templo de Dushara em Si, no Hauran, provavelmente construído entre 33 a.C. e 30 d.C. Sobre o Arco de Orange, freqüentemente citado com referência a essa questão, ver 293 e 294.
19. Ver 120.
20. Ver 157.
21. Ver 319. Uma magnífica arcada desse tipo, construída por volta de 200 d.C., foi encontrada recentemente no Fórum Severano de Lepcis Magna, ver A. A. 1938, c. 737 e Fig. 47.
22. Nome que substituiu o de Júpiter na publicação oficial alemã; depois disso, contudo, Thiersch defendeu a hipótese de que era dedicado (*Magna Mater*) à Grande Mãe síria (*Göt. Nachr.* 1923, pp. 1 ss.)
23. Mesmo os pórticos prosilos com uma coluna na lateral, tão comuns nas obras gregas, são muito raros; temos um exemplo em Palmira, o "Templo de Baalsamit".
24. Ver E. Wiegand, *Jahrb. deutsch. arch. Inst.* XXIX, 1914, 64 ss. Ambos os tipos, todavia, ocorrem conjuntamente em Bostra, na Síria, no século II d.C. (ver p. 442) e em um túmulo em Osta, do século II ou III d.C. (*Not. Scav.* 1928, 150).
25. Ver atualmente H. Hörmann, *Die inneren Propyläen von Eleusis*, Berlin, 1932.

CAPÍTULO XV

1. Ver 235.
2. XVI, I, 5 (c. 738)
3. Delbrück, *Hellenistische Bauten in Latium*, II, p. 103.
4. Ver 153.
5. Ver 178.
6. Sobre arcos e abóbodas primitivas, ver atualmente G. Weiler, *Algina*, 1938, p. 57 (túmulo do século V), e A. W. Lawrence, *Herodotus*, 1935, n. em I, 99 (túmulo de Aliate, do século VI).
7. Portas arqueadas são imitadas em uma urna etrusca, datada, sem muita certeza, no século IV a.C., sobre a qual ver 305 e Lâm. XXIII. Ver n.c.
8. Uma abóbada cilíndrica de concreto sobre uma casa de fontes em Co-